

VOLPI POR DETRÁS DAS BANDEIRINHAS

Pedro Mastrobuono ¹

Estudantes e historiadores da arte, no mais das vezes, quando o tema é a importância de Volpi, debruçam-se sobre as reflexões de Theon Spanudis, de Olivio Tavares de Araújo ou de Lorenzo Mammi, apenas para citar três expoentes e profundos conhecedores da obra artística do pintor.

Tive o privilégio de conhecer Spanudis. Tenho, também, a alegria do convívio com Olivio e Lorenzo. Gratificante é, pois, conhecer o conteúdo das reflexões sobre Volpi. Olhares aguçados e percepções precisas. Sinto-me, em face da difusão de livros e textos críticos de altíssima competência, dispensado de novas digressões adicionais nesta área que, na prática, limitar-se-iam a repetir aquilo que já foi exaustivamente dito. Um pouco mais do mesmo. Como, então, poderia este texto oferecer algo de novo?

Pretendo, nesta oportunidade, dividir um pouquinho das memórias, que trago comigo, a respeito do homem por detrás das bandeirinhas.

É de conhecimento público que meu pai foi grande amigo do pintor, por décadas. Por anos a fio, frequência no ateliê de modo quase religioso. Assim, ainda rapazote, levado pela mão de meu pai, convivi com Ladi Biezus, Domingos Giobbi, Issac Krasilchik, Paulo Kuczynski, Benjamim Steiner, Maria Helena Ortiz, César Luiz Pires de Mello, Hércules Barsotti, Willys de Castro e todos aqueles que se reuniam semanalmente em torno do pintor.

E como eram tais encontros? Qual a atmosfera? Como era Volpi com seus amigos mais próximos?

Seu ateliê ficava na edícula de sua residência na Rua Gama Cerqueira, no bairro do Cambuci. Após um corredor estreito, chegava-se aos degraus de acesso onde, ainda do lado de fora, notava-se uma casinha para pombos e diversos pedacinhos de madeira, pintados com os pigmentos que Volpi preparava, parcialmente envoltos por várias camadas de jornal. Algo que despertava muita curiosidade. Afinal, o que exatamente era

¹ Sócio fundador e presidente do Instituto Volpi, presidente da AAMAC (MAC USP) e vice-presidente da Comissão de Direitos às Artes da OAB/SP

aquilo? Volpi recebia, de presente de seus amigos, torrões de terra de diversas tonalidades. Após lavar muito bem, moía manualmente em um pilão, até transformar a terra em pó colorido, quase um talco. Os pedacinhos de madeira eram, então, totalmente pintados com esses novos pigmentos. Volpi cobria apenas a metade das ripinhas com jornal, fixando-as na parte externa do ateliê, deixando-as ao relento. Caso, após ter sido exposto ao tempo, o pigmento da parte descoberta apresentasse qualquer diferença cromática da parte protegida, seria de pronto desprezado pelo pintor.

O lado de dentro do ateliê não era menos curioso ou intrigante. Logo após a porta de acesso, do lado esquerdo da sala retangular, havia um singelo armário de madeira, marrom claro e de porta dupla, com uma única gaveta e base alta, bem afastado do chão, sobre o qual ficavam expostas as cabeças que o escultor Bruno Giorgi havia feito, tanto a de terracota quanto aquela de bronze. Lindas, deslumbrantes.

Logo após este armário, no qual Volpi guardava desenhos e estudos, tal qual uma mapoteca, havia uma escada de alvenaria, sem qualquer corrimão, que levava até a laje, onde o pintor gostava de fumar seu cigarrinho de palha, olhando as demais casas do entorno.

Quase tudo no interior do ateliê havia sido feito por Volpi (que na infância havia trabalhado em uma marcenaria). Do cavalete de pintura ao banquinho, do arco da serra tico-tico até o cabo do martelo, tudo feito à mão.

Na mesma parede ao lado da porta de entrada, um pequeno sofá debaixo da janela por onde a luz natural penetrava. Na parede oposta, deslocado um pouco para a direita, um segundo armário de madeira, bem mais largo, já sem as portas da parte de cima, onde ficavam expostos os potinhos de vidro transparente que continham os pigmentos. Era, por sua vez, rodeado de pequenas prateleiras de madeira, nada simétricas, onde ficavam os demais utensílios. No antigo chão de taquinhos, algumas telas recém-montadas, que o próprio pintor havia confeccionado artesanalmente, da montagem do chassis à fixação do linho. Na parede, pregos que serviam de suporte para exibir um ou outro quadro acabado. Caso ainda em andamento, as pinturas ficavam no chão mesmo, ou no máximo sobre uma daquelas prateleiras de madeira. Sem qualquer proteção, todas encostadas e apoiadas umas nas outras, com as telas sempre voltadas para a parede.

Como decoração do ateliê, alguns quadros pequenos próximos àquela escada sem corrimão, dos quais tenho ainda na retina uma natureza morta horizontal de José Antônio da Silva, mamões sobre um fundo verde, com uma faca fincada na fenda aberta na fruta. Lembro-me, ainda, de uma pequena pintura vertical de Eleonore Koch, que Volpi carinhosamente chamava de Lore, representando um guarda-roupa de madeira sobre um chão quadriculado. Esta parte do ateliê, parcialmente decorada, ficava à esquerda de uma viga/coluna estrutural, pintada de branco e que dividia a grande parede oposta à entrada. Nesta coluna, um pequena e despojada imagem de madeira sem policromia (salvo engano, uma Nossa Senhora da Conceição). Ao lado, uma única mesa encostada, que muitas vezes seria de aparador, bem debaixo do vão da escada sem corrimão.

Tudo muito simples, despojado.

Seu dia-a-dia dependia da luz, da luminosidade natural. Em dias claros, pintava. No mais das vezes, ficava calado, monossilábico quando muito. Não gostava de ser fotografado pintando, algo que fazia muitas vezes sem camisa.

Já nos dias cinzas ou de pouca luminosidade, ficava trabalhando na montagem das telas. Fixando-as nos bastidores ou aplicando o preparo de carbonato de cálcio sobre o linho. Estes os momentos que se mostrava mais comunicativo. Certa vez, pegou-me parado bem debaixo do ventilador de teto, olhando atentamente para as cabeças feitas por Bruno Giorgi. Parou bem ao meu lado e perguntou: - “Sabe quem é?”. Respondi: - “Claro. É você!”. Ele, então, deu uma gargalhada e disse: - “Ainda parece? Que bom!”.

Visivelmente gostava da presença dos amigos. Deixava transparecer felicidade. Ria. Instigava com perguntas pontuais, mas ele mesmo falava muito pouco. Era conciso, quase hermético em suas respostas. Direto, assertivo. Ao mesmo tempo, não ficava parado em um canto, como muitos tímidos fazem. Nada disso. Participava das rodas e a transitava com a máxima liberdade, muito à vontade. Dava sinais claros que estava de fato curtindo aqueles momentos, mas, ao mesmo tempo, falava muito pouco.

Importante frisar que, quando falava, gostava de discorrer sobre história da arte, sobre a evolução das tintas e da composição dos pigmentos ao longo do tempo. Falava com propriedade sobre pinturas e pintores, mas jamais sobre ele mesmo. Humildade era sua marca registrada. Difícil acreditar, quando comparado com os egos hipertrofiados de

tantos artistas atuais. Mas Volpi era assim, simples, ativo sem ser arrogante, nada de vaidade.

Muitos gostam de descrevê-lo como recluso e pouco comunicativo. Ledo engano. Não era assim. Gostava de comer bem, de tomar seu vinho tinto, de estar cercado de amigos sinceros. Só não gostava de futilidades e badalações.

Muitas são as histórias e as situações, já exaustivamente narradas, através das quais se revelou puro, simples e bom.

Criou cerca de dezenove crianças carentes. Quando comecei a frequentar seu ateliê, criava um menino especial, surdo-mudo, apelidado de Kiko. Volpi era assim. Sua presença emanava bondade e sinceridade, às vezes, até desconsertando os presentes. Simples, generoso, bom amigo, altruísta, simpático, sorridente, desapegado, de bem com a vida, assim era Alfredo, o homem por detrás das bandeirinhas.

Com esse jeito único, marcou a muitos, adultos e crianças que tiveram o privilégio de seu convívio. Legado humano incontestável. Deixando em todos imagens e recordações indeléveis. Inclusive em mim.